



Nuno Costa Santos

O Escritor no Seu Arquipélago

Há um escritor açoriano, das novas gerações, que, num dos seus poemas, escreveu os seguintes versos: “Eu sou o mar e mais ninguém”.

É desses versos que me lembro agora que estamos em Santa Maria para celebrar Pedro da Silveira, após ter sido inaugurada a primeira placa-poema de uma série que queremos que se estenda ao arquipélago todo.

Pedro da Silveira era o mar e mais ninguém.

Não o mar no sentido morno e contemplativo do termo. Não o mar de postal. O mar imprevisível, o mar da nossa História açoriana, o mar que atravessou para se fixar em Lisboa, o mar dos seus antepassados emigrantes, os da baleação, os que procuraram o sustento que não conseguiam alcançar na sua habitação insular.

O mar que nos cerca e nos liga ao mundo.

Vamos sempre lá ter: a ilha e o mundo. O mundo e a ilha.

É nesta dicotomia que se cumpriu – como poeta, como investigador, como figura que fazia das crónicas e das entrevistas uma forma de passar ideias, convicções.

Perguntavam-me no outro dia por que é que (só) Pedro da Silveira merece ser espalhado por todo o arquipélago, nestas placas-poema, e também nos cem excertos dos seus poemas, que serão colocados em montras açorianas, num gesto de vontade cidadã e acolhimento institucional? Eu respondi: porque ele era esse arquipélago. Portanto corrijo.

Pedro da Silveira era os Açores e mais ninguém.

Era os Açores porque tinha os Açores como chão primeiro e último da sua identidade. Uma identidade aberta, não fechada, impura, no sentido de ter diferentes origens e destinos, como são os Açores desde o povoamento – com cruzamentos vários, consagrados, por si, no poema “Soneto de Identidade”, em que se diz descendente de flamengos, castelhanos, alemães ou polacos. “Espelho opaco de errâncias várias”.

Se houve alguém que, pela arte literária, pelo estudo etnográfico, pela, muitas vezes, solitária vontade cultural e política, pelo sentido de provocação assente num entendimento da História e da geografia, procurou, de forma orgânica e construída, unir as nove ilhas do arquipélago, essa pessoa foi Pedro da Silveira.

Viveu em várias das ilhas, valorizou-as a todas, percebeu as diferenças e as rimas, escreveu sobre elas, com uma verdade só sua, com o seu ângulo feito de muito conhecimento e basta emoção.

Um arquipélago que dialoga com outros arquipélagos – Cabo Verde, Madeira, Canárias – para com eles constituir um território comum, de afinidades e aprendizagens.

Há um livro composto pelas suas traduções de poesia de autores das mais diversas geografias: “Mesa de Amigos”. Pedro da Silveira fez dos Açores uma mesa de amigos. E os Açores nem sempre são uma mesa de amigos. São, muitas vezes, uma mesa de familiares desavindos e que até negam essa condição de familiares para se distanciarem, para quererem ser mais ilha, aqui no sentido redutor do termo, e menos mundo.

Pedro da Silveira era um escritor num arquipélago de escritores. Um escritor no e do seu arquipélago. E é por isso que é orgulho verdadeiro para nós, Arquipélago de Escritores, como movimento, cada vez mais diverso, cada vez mais para além do encontro a dada altura do ano, estarmos associados e directamente ligados ao descerramento da

placa e a também a este colóquio.

É mais do que justo que Pedro da Silveira fique fixado em cada um dos seus lugares. Ele, cedo, percebeu que uma das fortunas que nós, açorianos, temos é a da criação literária, muita dela de qualidade e a merecer outros reconhecimentos. Os outros, os do mundo, poucos dela sabem. Nós, açorianos, comuns, institucionais, somos lentos, muito lentos, a reconhecê-la e a valorizá-la.

Pedro da Silveira, com o seu largo afecto, com a sua vocação para a leitura e para a antologia, cedofê-lo, nesse gesto difícil de reconhecer os profetas, no caso literários, da sua própria terra. Profetas pecadores, é certo, porque é impossível invocar Pedro da Silveira sem atender aos pecados dos homens, criadores e não criadores. Às fragilidades, aos tropeços do espírito – e do corpo.

Pedro da Silveira, na sua brilhante imperfeição, é um exemplo maior para todos os que têm como causa a ideia de “arquipélago de escritores”. Um arquipélago que, passo a passo, placa a placa, livro a livro, tradução em tradução, residência literária em residência literária, leitura em leitura, revista em revista, pode afirmar-se como tal perante um mundo que já conhece a nossa Natureza mas merece também conhecer a nossa cultura e a nossa Natureza como espaço privilegiado para acolher e ajudar a fazer despontar tantas outras culturas. Tantos outros cruzamentos.

Nunca é demais lembrar e esta é uma ocasião para fazê-lo:

há, no passado, e no presente, autores que sabem contar este lugar, nas suas contradições, nas suas estendidas luminosidades e nas suas grotas, como nenhum discurso de ocasião o sabe fazer. E não me refiro aos nomes já celebrados. Refiro-me a outros. De ontem, de hoje, repito.

Se Pedro da Silveira estivesse vivo, faria um inventário metucioso do que se publica hoje nos Açores. Nem tudo é bom mas há muita qualidade. Faria também escolhas, polémicas, claro está, mas corajosas e necessárias. As “suas” escolhas – e, por isso mesmo, inteiramente respeitáveis.

Começamos a nossa digressão por São Maria, ilha primordial da nossa História, ilha de autores do passado e do presente. Lugar de permanência, de vivência de séculos, de respiração de gerações e de escala para tantos criadores.

Lugar de encontros artísticos diversos, com destaque para a música – e em muita da música há letras e, por isso, também formas de literatura. E é bom, diga-se, que as artes dialoguem – porque, todas muito distintas, fazem parte da mesma constelação.

Não podemos depender só do Estado para edificar a nossa cultura. Nós, cidadãos, também temos esse dever de nos valorizarmos. Em todo o caso, há sérios motivos de agradecimento. O orçamento de cada um é limitado.

Agradeço, em nome do Arquipélago de Escritores, a todas as pessoas que, uma a uma, contribuíram para que esta placa-poema ganhasse forma.

(Texto lido no colóquio organizado pela Câmara Municipal de Vila do Porto sobre o poeta e investigador Pedro da Silveira, após o descerramento de uma placa com um poema seu sobre a ilha de Santa Maria)

Diogo Piçarra, Turb’Ó Baile, Quinta do Bill e Insert Coin nas Festas da Madalena

O Festival está de volta, de 20 a 24 de Julho com artistas de renome no panorama nacional e entrada totalmente gratuita, as festas prometem agitar as ruas da Madalena e atrair milhares de pessoas à Ilha Montanha. Insert Coin (20 de Julho), Turb’Ó Baile (21 de Julho), Diogo Piçarra (22 de Julho) e Quinta do Bill & CFA (23 de Julho) são os cabeças de cartaz das Festas da Madalena, que

conta ainda com a actuação de grandes djs, como Henri Josh, André N e muitas outras surpresas.

O programa das festas foi apresentado, Sexta-feira, nos Paços do Concelho, tendo a Vice-presidente do Município afirmado que este é “um cartaz feito a pensar em todas as idades e abrangendo bastantes gostos musicais, mas também com contenção e organização

orçamental, tendo em conta o momento que atravessamos.

É, exactamente, por isso que o Município da Madalena, este ano, abre as portas do recinto, tornando de forma excepcional o acesso aos concertos gratuito.”

“Queremos fazer, novamente, das Festas (da Madalena) um marco importante nas nossas vidas”, referiu José António

Soares, líder da autarquia, assumindo que este “é um momento de festa e um grande motivo de orgulho e satisfação para todos nós.”

No final da apresentação, Catarina Manito lançou ainda um desafio: “no ano de 2023, para celebrarmos os 300 anos deste concelho, vamos tentar bater novamente o recorde do Guinness da Maior Roda de Chamarrita do Mundo”.